

CORREDOR

NUM SÓ DIA, MAIS DE 180 PESSOAS
SÃO ATENDIDAS EM MACAS, BANCOS E
NO CHÃO DE 4 HOSPITAIS DA CIDADE

DOS ESQUECIDOS

Clarissa Lima
Da equipe do Correio

DF-Saúde
009
Reportagem 0043

A estudante Shirliene Pereira, 14 anos, passou a noite em uma cadeira. O técnico em refrigeração Ailton dos Santos, 30 anos, dormiu em um colchão esticado no corredor. A doméstica Maria Aparecida de Souza, 38 anos, se acomodou, como pode, em um banco.

Janice Nascimento, 31 anos, teve mais sorte: dividiu o quarto com mais quatro pessoas e dormiu em uma maca. O aposentado André Jorge da Silva, 62 anos, terá que se espremer em um colchão de solteiro com a mulher, Gerolsina Santana, 71 anos. Ângelo Pereira, 86 anos, e Alvinna Rosa de Freitas, 73 anos, estão alojados em uma maca, em um estreito corredor.

Para este grupo, lugar de doente é no corredor de hospital. Esta é a realidade de uma parte dos pacientes atendidos nas emergências dos principais hospitais do DF.

Em dias de semana, é comum ver-se mais de 180 doentes acomodados em macas, colchões no chão, bancos ou cadeiras para soro, nas emergências do Hospital de Base e dos Regionais de Sobradinho, Taguatinga e Ceilândia.

É mais que a capacidade do pronto-socorro do Hospital de Base, que lidera o atendimento de emergência (1,8 mil pessoas, diariamente) no DF e dispõe de 150 leitos. Doentes que deveriam estar em camas especiais, com grades, suporte para soro e saída para oxigênio.

A fila de paciente à espera de um leito pode ser bem maior, dependendo do dia de atendimento. Segundo os diretores de hospitais, o maior

movimento é registrado às segundas-feiras, quando chegam os pacientes que não tiveram atendimento nos centros médicos, fechados durante o final de semana. "Atendemos, em média, de 30 a 40% acima da nossa capacidade. Às vezes, o paciente é obrigado a ficar no banco, esperando uma cama", afirma o diretor do HRC, Antonio Coelho.

Apenas no Hran (Hospital Regional da Asa Norte), o número de leitos era suficientes para os pacientes internados, 55 leitos e 39 doentes, no dia em que o levantamento foi feito. "Mas já atendemos muita gente no chão e em macas", lembra o diretor do Hran, Martinho Gonçalves da Costa. O hospital promete colocar em funcionamento, nesta semana, mais 18 leitos, que estavam à espera das camas.

CADEIRA DE RODA

Para os profissionais, uma agonia. A superlotação das emergências dificulta o dia-a-dia de médicos, enfermeiras e atendentes, que têm que driblar os colchões e macas para trabalhar. Para os pacientes, um suplício.

"Me sinto como se estivesse esquecida. Parece que você está jogado em qualquer lugar e não tem o cuidado que merece", diz Shirliene Pereira, que na semana passada estava internada para recuperação de uma intoxicação no HRS.

Ela passou uma noite inteira, acompanhada da sua mãe, em uma cadeira, utilizada para aplicar soro. "Eu só quero deitar", suplicava ela, que foi ao hospital por complicações intestinais. "Pensei que ela fosse ficar em uma cama", diz a mãe, Maria das Neves Pereira, 32 anos. A garota

"EU SÓ QUERO DEITAR"

Shirliene Pereira

14 anos, estudante, depois de passar a noite numa cadeira

"É UMA AGONIA. A GENTE NÃO CONSEGUE DORMIR"

Maria Aparecida de Souza

38 anos, doméstica, depois de passar a noite num banco

"VAMOS TER DE DIVIDIR O MESMO COLCHÃO"

André Jorge da Silva

62 anos, aposentado

foi internada na sala de autogiro do hospital, que é destinada apenas à aplicação de soros.

A improvisação é a única saída para tentar salvar a vida. O cordão que segura o soro da doméstica Maria Aparecida estava pendurado na placa que indica a enfermaria feminina. Só assim, ela poderia ser acomodada no banco. "É uma agonia. A gente não consegue dormir", diz.

Ailton chegou logo cedo à emergência do HRS (Hospital Regional de Sobradinho), mas nem assim conseguiu vaga. Foi medicado e adormeceu em um colchão no meio do corredor que liga as duas enfermarias, por onde circulam os atendentes com a refeições e os profissionais de saúde.

André veio de Formosa (GO) para se atendido em Sobradinho. Portador de Doença de Chagas, ele estava internado havia três dias em uma sala de atendimento, que virou quarto. "Nem sei onde fica o hospital de Formosa. Aqui é bem melhor", diz. Na última quarta-feira, ele recebeu a primeira visita da sua mulher, Genevolsina. "Vamos ter que dividir o mesmo colchão". No mesmo espaço, estão mais dois pacientes.

No HRC, os corredores parecem pequenos para a quantidade de macas. "Já chegamos a colocar até 60 macas, neste local", relata o chefe de equipe, José Maria Sampaio. Os pacientes e acompanhantes têm que improvisar porta-soro, recipientes para coletar vômito, e disputar espaço com a equipe médica. Na hora da refeição, a confusão aumenta com a movimentação dos atendentes que fazem a distribuição do alimento.

Depois de ter vindo quatro vezes ao HRC, Alvinna Rosa só conseguiu ser internada em uma maca, desta última vez, quando teve uma grande variação na pressão arterial. "Nas outras vezes, ela ficou em banco ou em cadeira de rodas", conta a filha Isabel de Oliveira, 56 anos, que só não passou a noite em pé, ao lado da mãe, porque pediu uma cadeira emprestada no posto policial. Para a mãe vomitar, ela improvisa um balde de lixo.

Com pneumonia crônica, o aposentado Ângelo Pereira foi internado na última quarta-feira. Corpo franzino, quase sem falar, ele se retorce na maca, que fica próximo à porta de entrada do banheiro, com um guardanapo de pano à mão. "Não temos o que fazer. O jeito é ficar por aqui

mesmo", consola-se Isabel.

PACIENTE DE FORA

Para os diretores dos hospitais da rede pública, o drama dos 'pacientes de corredor' é resultado do excesso de doentes que vêm do Entorno e outros estados atrás da fama do DF de ter um ótimo atendimento de saúde. "Acredito que entre 60 e 70% dos pacientes são de outro lugar, que não Sobradinho. Se fosse só para atender aos moradores da cidade, o hospital teria capacidade", afirma o diretor do HRS, Eloadir Galvão.

No HRS, até a área destinada a pacientes de isolamento já está sendo tomada por outros doentes. "Somos referência em bom atendimento de Miami para baixo", brinca o diretor. A média diária de atendimento na emergência é de 900 pacientes.

No HBB, o número de pacientes chega a ser o dobro da quantidade de leitos. "Podemos ter até 300 doentes no pronto-socorro", diz o diretor do HBB, Aluisio Toscano Franca. No dia em que foi feito o levantamento, 205 pacientes estavam internados na emergência, 55 a mais que a capacidade.

"Precisamos estabelecer uma política conjunta com os municípios do Entorno e outros estados para oferecer um bom atendimento. Não podemos é deixar de atender aos pacientes", sugere o diretor. Segundo ele, o hospital recebe diariamente cerca de 30 ambulâncias de outras localidades.

A Secretaria de Saúde não dispõe do número oficial de leitos nas emergências da rede pública do DF. Nas enfermarias, os hospitais dispõem de 2.579 vagas. Existem 309 leitos desativados.